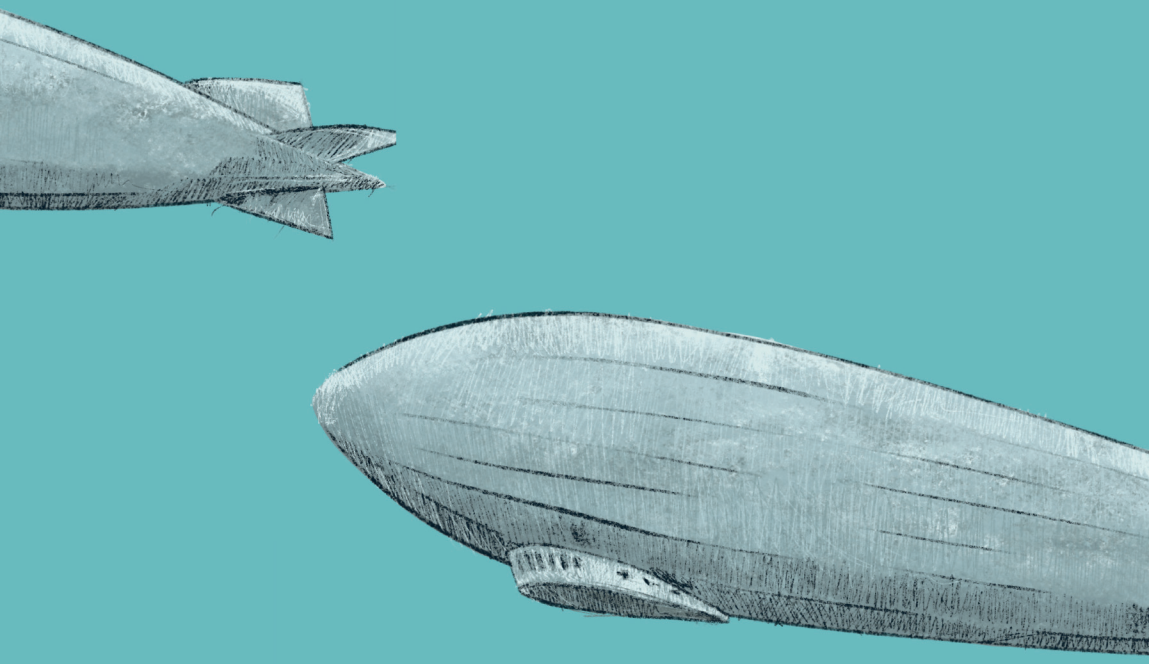
MARIO BENEDETTI

a borra do café



cavalo de ferro

Aos meus tradutores, que tiveram
a paciência e a arte de reconstruir a fala
e os silêncios dos meus montevideanos
em mais de vinte línguas.

«Para onde vão o nevoeiro, a borra do café,
os almanaques de outros tempos?»
JULIO CORTÁZAR

«Nada é mentira. Basta um pouco
de fée tudo é real.»
LOUIS JOUVET
(em *Entrada de Artistas*)

«[...] estamos livres como crianças,
iminentes para o duradouro.»
MILTON SCHINCA

As mudanças

A minha família estava sempre a mudar de casa. Pelo menos, desde que me lembro. No entanto, quero esclarecer que as mudanças não se deviam a despejos por falta de pagamento mas sim a outros motivos, talvez mais absurdos e menos embaraçosos. Confesso que para mim essa azáfama cíclica de abrir e fechar caixotes, baús, caixas grandes e malas era uma diversão. Tudo voltava a ser arrumado nos armários, nas estantes, nos guarda-fatos, nas gavetas, embora grande parte das coisas (nem sempre as mesmas) ficassem nas arcas e nos baús. A casa nova (nunca éramos proprietários, éramos inquilinos) adquiria em poucos dias o aspecto de morada quase definitiva, ou pelo menos de alojamento estável, e creio que os meus pais acreditavam sinceramente nisso, mas antes que se passasse um ano, a minha mãe e/ou o meu pai, nunca os dois ao mesmo tempo, começavam a semear comentários (primeiro subtis mas depois cada vez mais explícitos) que no fundo eram propostas de uma nova mudança. Geralmente, as razões invocadas pelo meu pai eram a falta de sol, a humidade nas paredes, os corredores muito estreitos, a agitação da rua, os vizinhos que eram intriguistas, etc. As razões invocadas pela minha mãe eram mais variadas, mas normalmente a lista continha motivos como excesso de sol, ambiente seco, espaços exteriores demasiado amplos, falta de comunicação dos vizinhos,

ruas sem movimento, etc. Por outro lado, o meu pai gostava da tranquilidade dos bairros da periferia, enquanto a minha mãe preferia a agitação do Centro.

Não se assustem. Não vou contar-vos toda a história das minhas casas, apenas falarei daquelas em que me aconteceram coisas importantes (ou, como disse o poeta, num rasgo genial de pirosice, «Coisas pequenas para o mundo/ mas grandes para mim»[1]). Nasci numa casa (último andar) no cruzamento da rua Justicia com a Nueva Palmira, onde, excepcionalmente, vivemos durante três anos. Tenho poucas memórias, a não ser que havia uma clarabóia particularmente barulhenta quando se abria ou fechava, o que não acontecia com frequência porque o puxador, que ficava na parede do pátio, era pesadíssimo e só funcionava com o esforço combinado de duas pessoas suficientemente robustas. Além disso, em dias de chuva o bendito puxador dava uns terríveis coices de corrente eléctrica, de forma que aquela clarabóia só se podia abrir ou fechar quando o tempo estava seco.

Depois, sem sair do bairro, mudámo-nos para a esquina da rua Inca com a rua Lima. Aí, o mais memorável era a casa de banho porque, quando alguém puxava a corrente do autoclismo, a água, em vez de cumprir a sua função higiénica na retrete, saía torrencialmente do remoto depósito encharcando não só o desafortunado utilizador mas também todo o chão de ladrilhos verdes. Depois fomos para a esquina da rua Joaquín Requena com a Miguelete, onde havia mais barulho de rua, mas onde o autoclismo funcionava bem e não era imprescindível fazer as necessidades de gabardina e chapéu-de-chuva. Dessa casa, bastante mais modesta do que as anteriores, só merece referência um gira-discos, no qual a minha mãe, quando o meu pai estava ausente, punha um disco de aulas

1 «Cosas chicas para el mundo / pero grandes para mí», versos do poema «La Tapera» do uruguaio Elias Regules (1861-1929). (*N. da T.*)

de ginástica que começava sempre com uma voz muito castiça: «Atenção! Preparaaar! Começar!» E a minha mãe, obediente, começava. Eu, que já tinha cinco anos e meio, olhava muito fixamente para ela quando se estendia no chão e levantava as pernas ou quando se punha de cócoras e esticava os braços, nesses momentos era costume cair para um dos lados, mas eu pensava que também isso era uma ordem do galego do disco. (Tenho de esclarecer que só muitos anos depois consegui identificar a pronúncia daquele locutor, mais concretamente numa tarde em que encontrei aquela relíquia de 78 rpm num baú e a voltei a ouvir num gira-discos). De qualquer forma, eu aplaudia-a com convicção e ela, quando acabava a aula, em sinal de reconhecimento pela minha compreensão e estímulo, pegava-me ao colo e dava-me um beijo, mais sonoro mas menos agradável do que outros beijos maternos, já que, como era de prever depois de tanta ginástica, estava incrivelmente suada.

A casa seguinte (ainda mais modesta) situava-se na esquina da rua Hocquart com a Juan Paullier. Ficava apenas a quatro quarteirões da anterior, por isso não foi fácil arranjar um camião que aceitasse fazer uma mudança com um trajecto tão curto, coisa que o meu pai, com toda a razão, considerava absurda, uma vez que as tarefas de carga e descarga eram as mesmas que seriam se a distância fosse de quinze quilómetros. Por fim, apareceu um camionista que, graças a uma boa gorjeta, se dispôs a fazer uma mudança tão pouco convencional, mas o seu mau humor e o dos seus ajudantes foi tão notório que ninguém se admirou que um dos roupeiros tivesse perdido todos os pés menos um e que um espelho se partisse em duas luas: uma minguante e outra crescente. Na casa nova estávamos um pouco apertados e quase sempre comíamos na cozinha. A melhor parte da casa era o terraço, que, aparentemente, comunicava com o do vizinho e onde havia um cão enorme, que me parecia ser feroz e que se tornou o meu

primeiro inimigo. Ainda por cima, as raras vezes que lá ia acima, o pobre animal rosnava quase por obrigação, mas assim que percebi que estava preso com uma corrente, decidi, na primeira manifestação de cobardia de que tenho memória, rosnar-lhe também, e, embora a minha exibição fosse apenas uma caricatura, tenho de admitir que não contribuiu para melhorar as nossas deterioradas relações.

Houve mais casas naquela época. Sempre nos mesmos bairros: Nicaragua e Cufré, Constitución e Goes, Porongos e Pedernal. Nessa altura, as mudanças de casa já obedeciam a uma obsessão corporativa. Estas tinham passado da categoria de pesadelo para a categoria de sonho. De cada vez que uma nova casa aparecia no horizonte, passava a ser, com as suas luzes e as suas sombras, uma utopia, e quando finalmente transpúnhamos a nova porta da entrada, era como se entrássemos no Eliseu. Claro que a fase celestial caducava muito depressa, por exemplo, quando um pedaço do céu plano nos caía em cima dos nossos *cappelletti alla carusso* ou quando uma disciplinada frente de baratas invadia a cozinha a marchar ao som dos gritos histéricos da minha mãe. No entanto, o facto de um mito se desvanecer na névoa das nossas frustrações não nos impedia de começarmos todos a colaborar num novo esboço de utopia.

Primeiros socorros

O certo é que a primeira casa importante foi, pelo menos para mim e nem sempre por boas razões, a da rua Capurro. Em primeiro lugar, porque foi onde a minha irmã nasceu; em segundo, porque o meu pai mudou de emprego e isso redundou numa maior presença da sua parte; em terceiro, e último, porque adoeci e o médico me proibiu de ir à escola. A convalescença foi interminável, mas passados os primeiros meses o meu pai contratou uma professora particular que, três vezes por semana, dedicava quatro horas por dia à minha (deformada) formação.

Chamava-se Antonia Vico. Lembro-me do apelido porque rimava com *abanico*, artefacto que ela usava nas quatro estações do ano. Embora estivesse sempre com calor, a minha mãe nunca lhe ofereceu uma ventoinha porque, na minha condição de eterno convalescente, uma simples corrente de ar poderia provocar-me uma recaída ou, na melhor das hipóteses, uma série de trinta e dois espirros. Lembro-me de que era magra e de que tinha a pele muito branca e uns olhos escuros que me ofereciam dois tipos de olhar: um deles, doce e compreensivo, quando os meus pais estavam presentes, e outro, inquiridor e severo, quando nos deixavam sozinhos. Resumindo, não foi amor à primeira vista.

Normalmente, quando uma criança tem uma professora particular para seu uso exclusivo, a tendência natural é que

depois da aula de segunda-feira dê uma leitura rápida à matéria para ficar bem sabida quando fizerem revisões na quarta. Mas eu fazia tudo ao contrário: estudava na segunda a matéria que ela me ia dar na quarta-feira e isso provocava na pobre mulher uma grande frustração, uma espécie de vazio pedagógico, e um receio de que os meus pais, se descobrissem que os meus conhecimentos avançavam sem que o seu contributo didáctico fosse indispensável, decidissem prescindir de tão inúteis serviços. No entanto, eu podia ser perverso, mas não era delator, de forma que nunca comentei com os meus pais as minhas retorcidas manhas de aluno. O meu objectivo não era que a Antonia ficasse sem trabalho, mas sim que tomasse consciência de quem tinha pela frente. E assim continuámos: eu antecipando-me às suas aulas, ela aprendendo a respeitar-me. Como sabia todas as matérias de cor e salteado, e detectava imediatamente qualquer desvio ou omissão da sua parte, às vezes parecia que era eu quem estava a dar a aula e ela quem estava em apuros.

Só após seis meses de uma inflexível prática desta técnica, ou seja, só quando acreditei que a minha honra estava a salvo, é que decidi permitir que a nossa relação adquirisse um ritmo mais normal e, em consequência disso, aceitei que me debitasse a matéria antes de eu a aprender. Escusado será dizer que, no fundo da sua alma, me agradeceu este facto e a partir desse reajuste começou a olhar-me com olhos doces e compreensivos, mesmo quando os meus pais não estavam presentes. Tenho a impressão de que chegou até a amar-me. E nessa altura, já não vale a pena escondê-lo, creio que também a amei um pouco — talvez porque aquele olhar doce, que eu agora tinha em exclusivo, me derretia por dentro. Naquele tempo, eu tinha apenas oito anos, mas aquilo que mais tarde seria reconhecido como sendo a minha vocação estética levou-me a olhar-lhe para as pernas e a achá-las bonitas, bem torneadas, sedutoras. Talvez não fosse apenas vocação estética. Agora penso

que a minha precoce exteriorização erótica se concentrou nos olhares clandestinos que lancei àquelas pernas bonitas e perfeitas. Cheguei a sonhar com elas, mas mesmo em situações oníricas não ia além dos olhares de admiração e surpresa. Reconstituições posteriores fazem-me lembrar que a Antonia tinha um peito lindo e lábios promissores, mas aos oito anos o meu êxtase precoce ficava ancorado nas suas pernas e não permitia que me distraísse com outros interesses periféricos.

Aquele naufrágio

Foi precisamente na casa da rua Capurro que comecei a sentir-me parte integrante de uma família maior. Dois primos, que tinham mais dois anos do que eu, vieram de Cerro Largo para viver em Montevideu, e no início viviam com o avô Javier, pai da minha mãe. Mais tarde, os pais vieram também para a capital e instalaram-se todos na rua Capurro, a cinco quarteirões da nossa casa. A minha prima Rosalba, que era três anos mais velha do que eu, vivia em Canelones, mas vinha frequentemente visitar-nos com a mãe, a tia Joaquina, com quem o meu pai não simpatizava.

— Não suporto a tua irmã — costumava dizer à minha mãe.

— É bruta, muito bruta, e ainda por cima é ignorante.

Ela limitava-se a responder:

— Mas é minha irmã — e, por incrível que pareça, este era o único argumento que derrotava o meu pai. Por outro lado, o avô Vicenzo, pai do meu pai, vinha com frequência de Buenos Aires, onde tinha uma loja, e ficava sempre lá em casa. Via menos as minhas avós. A mãe da minha mãe, porque estava sempre doente e consequentemente nunca ia à rua nem podia ser incomodada com visitas; e a mãe do meu pai, porque vivia em Buenos Aires e quando o avô Vicenzo vinha a Montevideu ela ficava a tomar conta da loja do bairro Caballito.

O avô Vicenzo era tão divertido como o avô Javier, mas noutro género. Uma vez contou-me como tinha sobrevivido a um célebre naufrágio. Perguntei-lhe se tinha escapado porque sabia nadar.

— Não, como é que te ocorreu uma coisa dessas? Sempre tive mais afinidades com as aves do que com os peixes. Mas a verdade é que também não sei voar.

A sua gargalhada florentina ecoava no pátio como um carrilhão.

— Então como é que se salvou?

— É muito simples. Perdi o barco em Génova. Cheguei ao porto meia hora depois da partida, que foi terrivelmente pontual. Tentei arranjar uma lancha que me levasse até ao vapor (ainda estava à vista). Por sorte, não consegui. Quando, dez dias depois, soube que o navio se tinha afundado em pleno Atlântico, não me ocorreu nada menos egoísta do que festejar o acontecimento com uma garrafa de *Chianti*. Eu sei que foi feio, que devia ter pensado nas outras pessoas; se fosse hoje, não teria feito aquilo, mas naquela altura era muito jovem e ainda não tinha aprendido a ser hipócrita.

Nesta altura, deu mais uma gargalhada. E eu a rir.

Depois apercebi-me de que o meu avô não tinha lido *Coração*, o livro de Edmondo de Amicis, que era a minha Bíblia, porque se o tivesse lido, não teria tido uma atitude tão mesquinha, e se mesmo assim tivesse decidido emborcar aquela garrafa de vinho, tê-lo-ia feito com tristeza ou mesmo chorando um pouco pelas pessoas que se afogaram. Mas não, o meu avô ainda sentia a alegria de ter escapado da morte quase por milagre, embora nem isso o tenha reconciliado com o padre da sua paróquia, pois durante toda a vida foi ateu militante e insultou Deus como se fosse um mero organizador de descarrilamentos e naufrágios.

Um parque só para nós

A casa da rua Capurro tinha um cheiro estranho. Segundo o meu pai, cheirava a jasmim; segundo a minha mãe, a ratos. É provável que este conflito me tenha desorganizado a capacidade olfactiva por vários anos, durante os quais não conseguia distinguir entre o perfume das violetas e o cheiro do açafrão, ou entre as emanações da cebola e o vapor das inalações.

Relativamente a esta casa, tenho também duas recordações fundamentais: uma é o Parque Capurro, e outra é o campo de futebol do Clube Lito, que ficava a três quarteirões. Naquela época, o Parque Capurro parecia um cenário montado para um filme de bandidos, com rochas artificiais, pequenas cavernas, caminhos tortuosos e ervas daninhas, enfim, uma maravilha. Não me deixavam ir sozinho, só com os meus primos ou com o filho de um vizinho que era da minha idade. O Parque estava quase sempre deserto, de modo que se transformava no nosso campo de operações. Às vezes, quando percorríamos aqueles labirintos, encontrávamos algum *bichicome*[2], bêbedo ou apenas adormecido, mas eram inofensivos e estavam habituados às nossas correrias. Eles e nós coexistíamos nesta paisagem quase lunar, e a sua presença acrescentava um certo sabor a risco (embora soubéssemos que não estávamos

2 Expressão uruguaia para designar uma pessoa indigente, sem-abrigo, que vive de desperdícios. Em itálico, no original. (*N. da T.*)

a arriscar nada) às nossas brincadeiras, que geralmente consistiam em assanhadas lutas corpo-a-corpo entre dois grupos, ou, melhor, bandas: uma composta pelo meu primo Daniel e o vizinho, e a outra pelo meu primo Fernando e por mim. Às vezes também participavam outros miúdos do bairro, mas de qualquer forma os vocalistas éramos nós (é preciso não esquecer que enquanto o Daniel se inspirava em Conan Doyle, o Fernando, o Norberto e eu tínhamos aperfeiçoado a nossa pirataria na escola do Sandokan). Na minha condição de convalescente, estava proibido de cometer semelhantes excessos, que me faziam suar demasiado, de modo que antes de regressar a casa tinha de tomar certas medidas de precaução. Como antes da contenda pousávamos as nossas camisas sobre as rochas, quando a luta chegava ao fim lavávamo-nos numa fonte de água perigosamente esverdeada, secávamo-nos ao sol e depois voltávamos a vestir as camisas, que não apresentavam qualquer indício das brigas. Quando voltávamos para casa, muito penteados e triunfantes, a minha mãe perguntava-me:

— Não andaste a correr, pois não?

Para corroborar a minha resposta negativa, um dos meus primos ratificava:

— Não, tia, enquanto nós brincávamos, o Claudio esteve sentado num banco, a apanhar sol.

O dirigível e o Dandy

Assim como o Parque Capurro tinha para nós uma atracção muito particular, a praia contígua, em contrapartida, era sobretudo nojenta. A escassa areia, sempre suja, cheia de lixo e de embalagens descartáveis, era ainda mais conspurcada, onda após onda, por outros detritos e despojos provenientes, talvez, das várias embarcações ancoradas na baía.

Só por uma vez a praia Capurro, geralmente tão repulsiva, se encheu de pessoas e de bicicletas. Foi quando chegou o dirigível. O *Graf Zeppelin*. Aquela espécie de chouriço prateado, imobilizado no espaço, parecia admirável aos olhos de todos os adultos, quase mágico: mas a nós pareceu-nos normal. Mais do que isso: o espanto dos adultos parecia-nos uma parvoíce. Vê-los a todos de boca aberta, a olhar para cima, provocava-nos um riso tão contagioso que aos poucos se foi transformando numa gargalhada geracional. Os pais, os tios e os avós sentiram-se tão ofendidos com o nosso riso que sobre as nossas frágeis anatomias começaram a chover sopapos e beliscões. Foi uma injustiça histórica que nunca esqueceremos.

Apesar disso, o *Graf Zeppelin* foi a causa indirecta de uma mudança importante nas nossas vidas. O nosso interesse por aquele globo achatado e insípido durou exactamente dez minutos. Quando começaram os nossos primeiros bocejos, iniciámos a nossa retirada sem sabermos ainda o rumo a dar

às nossas expectativas. Os mais velhos continuavam boquiabertos, hipnotizados por aquele mamarracho hermético estacionado no espaço. Rapidamente nos apercebemos de que nesse dia não existíamos, estávamos à margem do mundo, pelo menos do mundo autorizado a sentir-se surpreendido. De maneira que quando o meu primo Daniel disse «Somos Livres!», todos tivemos consciência de que ele se tinha tornado não apenas o nosso porta-voz mas também o nosso líder.

Começámos a recuar para o Parque seguindo vários caminhos, sem pressa e sem chamar a atenção, não fosse algum daqueles adultos, tão alheados, sair do seu estado de encantamento e dar o sinal de alerta. Não precisámos de combinar qual seria o ponto de encontro. Sabíamos que nos reuniríamos numa pequena clareira entre as rochas, onde confluíam três ou quatro pequenos caminhos e que sempre tinha sido a zona neutra das nossas brincadeiras, contendas e desafios. Foi, portanto, ali que nos encontrámos e, desta vez, aquele local converteu-se num anfiteatro de deliberações.

Aquela circunstancial indiferença dos adultos, juntamente com a casual e inesperada, mas também evidente, liberdade de que gozávamos na última meia hora, obrigou-nos a um reajuste decisivo. Não tínhamos vontade de brincar nem de nos envolvermos em brigas suadas de golpes baixos. Era como se alguém, ao retirar-nos subitamente a nossa inocência superficial, nos tivesse deixado nus perante um novo e desconhecido compromisso.

O certo é que o destino, ou como quiserem chamar-lhe, nos reservava para esse mesmo dia uma forma de pôr à prova a responsabilidade recém-estreada. Começámos a caminhar em silêncio por caminhos que iam dar às grutas. Íamos tão absortos que quase tropeçámos num corpo estendido no chão. A expressão contorcida daquele rosto e uma certa rigidez dos membros eram sinais demasiado evidentes. Não era preciso chamar um médico-legista para perceber que se tratava de um morto.

— Olhem, é o Dandy — disse o meu primo Fernando.

Era esse o nome que dava a si mesmo aquele famoso *bichicome*, decano do Parque, que geralmente fazia das grutas o seu dormitório habitual. E a ideia não era tão absurda como podia parecer, uma vez que, apesar dos seus sapatos rotos, das suas calças de trapos, da sua camisa imunda e da sua gabardina esfarrapada, nunca o tínhamos visto sem gravata (até tinha duas: uma às riscas pretas e vermelhas, e outra azul com ferraduras castanhas).

— Tens razão, é o Dandy — confirmou o Daniel.

O meu vizinho Norberto aproximou-se do corpo do *bichicome*, mas o Daniel deteve-o.

— Não lhe toques — disse —, não vês que, se encontrarem as nossas impressões digitais, vão pensar que fomos nós?

Norberto recuou, obediente, por reconhecer não só que Daniel era agora o nosso líder mas também a sua cultura detectivesca, adquirida, como todos sabíamos, pelo seu convívio com o Sherlock Holmes. Isso também era revelador de uma considerável distância entre o Daniel e os outros. Enquanto nós ainda estávamos na fase Edmondo de Amicis ou Salgari, ele frequentava rigorosamente Conan Doyle.

— Fixem a hora a que o encontrámos — disse o Daniel. — Três e dez.

Em seguida, pegou num jornal que alguém tinha deixado sobre umas pedras, atirou-o para cima do Dandy e calcou-o várias vezes com o sapato. A última pressão que fez foi forte de mais e apareceu uma mancha de sangue, seca e bastante espalhada. Com o mesmo método, fez subir a camisa nojenta ensanguentada, deixando a descoberto um ferimento considerável, que parecia ter sido produzido por um instrumento cortante. Ao ver aquela desgraça, senti que os meus olhos começavam a ficar enevoados e que estava quase a desmaiar, mas fazendo (literalmente) das tripas coração, recompus-me um pouco e consegui proferir uma frase tão memorável como esta:

— E a gabardina?

O Daniel ofereceu-me um daqueles olhares ternamente depreciativos que Holmes costumava lançar ao doutor Watson e disse apenas:

— A gabardina? Com certeza que o assassino a levou.

Aquilo já foi de mais. Perante o simples som da palavra *assassino* senti que desmaiava, e desta vez foi mesmo a sério. Quando comecei a recuperar os sentidos, percebi que o Fernando me estava a passar um lenço húmido pelo rosto e fiquei a pensar onde o teria molhado. Mas nesse instante dei de caras com o olhar, entre o repreensivo e o trocista, do Daniel, que me dizia:

— Ah, fracote!

Então senti que o sangue me estava a subir à cara como uma onda e foi assim que me recompus totalmente.

Claro que jurámos manter em segredo absoluto a nossa «macabra descoberta» (pelo menos foi assim que o Daniel a qualificou, ele que, como aprendiz de criminologista, era leitor entusiasta das crónicas sangrentas na imprensa diária). Aproveitando o facto de os adultos continuarem alienados na contemplação do dirigível, voltámos à praia por atalhos separados e ali ficámos, simulando um fascínio que estávamos longe de sentir, mas criando dessa forma um álibi colectivo que nos desvinculava daquele cadáver que ficava para trás, lá ao longe, no nosso ex-ponto de encontro. E digo *ex* porque, por razões óbvias, nunca mais voltámos a encontrar-nos ali.

À medida que a tarde foi caindo, a multidão de curiosos foi dispersando. Só então os adultos se lembraram da nossa existência. Recordo-me de que a minha mãe, ainda emocionada, me pôs um braço em cima do ombro e comentou:

— Que lindo! Gostaste?

Eu mostrei-me entusiasmado com o chouriço aéreo e voltámos para casa, pausada e normalmente, como se nada tivesse

acontecido, como se de agora em diante não existisse um cadáver nas nossas vidas.

Curiosamente, a imprensa ignorou totalmente o assassínio do Dandy. Todos os dias víamos atentamente os jornais e ouvíamos os noticiários na rádio, esperando sempre encontrar o temido título: «Assassínio no Parque Capurro». E os habituais subtítulos: «Suspeita-se de um grupo de menores. Aproveitando o entusiasmo causado pelo *Graf Zeppelin*, um *bichicome* conhecido pela alcunha de Dandy foi eliminado ao entardecer.» Dez dias depois da nossa descoberta, reunimo-nos os quatro no pátio das traseiras da minha casa e decidimos que era preciso acabar com aquela incerteza. Tínhamos de voltar ao Parque para sabermos o que acontecera ao corpo do Dandy. Concordámos que seria imprudente fazer uma excursão colectiva. Só um de nós deveria dirigir-se àquela «clareira do bosque» para realizar uma verificação *in loco*. Era lógico que tirássemos à sorte.

— Deus é que vai decidir — disse o meu vizinho Norberto, que ia diariamente à catequese e era o preferido do padre Ricardo. O seu principal objectivo na vida era chegar a acólito desse padre. Nós, por essa altura, tínhamos outros ideais. Como era de prever, o Daniel queria ser detective; o Fernando, mecânico (quando era mais novo, dizia «mecanista», mas era um erro de linguagem); eu, guarda-redes da Selecção, uma espécie de pseudo-sobrinho do Mazzali. Bem, efectivamente Deus decidiu. Escolheu-me a mim. Nesse mesmo dia, decidi ser ateu. E assim me mantenho até hoje. Foi um trauma muito duro. Não sei o que teria acontecido se o sorteio tivesse indicado o Norberto, o Fernando ou o Daniel. Talvez isso tivesse confirmado a minha fé no Senhor e hoje eu seria padre, ou até bispo. Mas não foi isso que aconteceu, e tive de enfrentar o meu ateísmo e a verificação *in loco*.

No dia seguinte, parti em direcção ao perigo. Os outros três ficaram na esquina da rua Capurro com a Húsares, à espera

de notícias minhas. Dirigi-me para «o local do facto» (era assim que o Daniel dizia) com toda a coragem de que dispunha, que certamente não era muita. Se não ia depressa, não era por estar de má vontade, mas sim porque as minhas pernas tremiam, totalmente alheias à minha vontade de cruzado. O tremor só parava quando subia ou descia degraus, mas assim que voltava a andar, aquela trepidação recomeçava. Lembro-me de que estava uma fresca manhã de Outono, porém eu suava como se fosse Janeiro.

Por fim, cheguei à «clareira do bosque». Ao princípio, nem queria acreditar, mas a verdade é que o Dandy não estava lá. Estranhamente, a sua ausência acalmou-me. O tremor passou como que por magia. E até tive ânimo para percorrer os pequenos caminhos que iam dar à clareira e, mais do que isso, numa inconcebível exibição de coragem, debrucei-me sobre a caverna que o Dandy tinha usado durante anos para se abrigar. Também não havia ali quaisquer vestígios do *bichicome*. Apenas uma garrafa (vazia) de álcool para o fogareiro.

Claro que voltei todo inchado. Quando o Daniel, o Fernando e o Norberto me viram chegar, correram para mim, ansiosos. Fi-los sofrer durante uns minutos, mas depois tive pena dos seus rostos assustados.

— A vítima não se encontra — disse eu, para perceberem que eu também fazia as minhas leituras. A notícia caiu como um balde de água fria.

— Será que viste bem? — perguntou o Daniel.

Devolvi-lhe aquele olhar, ao mesmo tempo repreensivo e trocista, que me tinha lançado quando desmaiei, e acrescentei:

— Revistei tudo. Se queres saber, até entrei na caverna do Dandy.

— Entraste na caverna? — perguntou o Norberto com um tom de admiração.

— Claro que sim — confirmei, sem dar a menor importância à minha notável audácia —, e só lá estava esta garrafa.

A garrafa foi passando de mão em mão até voltar para as minhas. Sem que ninguém o tenha decidido explicitamente, tornei-me o seu guardião oficial. Pegámos-lhe todos pelo gargalo usando o meu lenço, já que o resto da garrafa poderia ter outras impressões digitais que não as nossas e as do próprio Dandy.

No entanto, de pouco serviram tantas precauções. Não só não identificaram o criminoso, como a imprensa nunca mencionou o caso. Durante os nossos encontros, várias vezes deliberámos sobre as diferentes hipóteses. Estaria realmente morto quando o encontrámos no dia do dirigível? A resposta unânime era que não havia dúvida de que aquilo era um cadáver. Além disso, se não estava morto, por que razão nunca mais o tínhamos visto nos seus percursos habituais? Ah! Mas se era um cadáver, quem o teria levado? Por que motivo a imprensa nunca tinha referido aquele assassínio ou o que quer que fosse? Um elemento adicional a ter em conta era que depois daquele dia festivo-triste tinham desaparecido do bairro os outros *bichicomes*. E porquê? Aperceberam-se do crime e tiveram medo? A única coisa que era clara para nós era que, sim, nós tínhamos tido medo, e exceptuando aquele dia em que levei a cabo a minha verificação *in loco*, nunca mais voltámos à «clareira do bosque». Passados uns meses, deixámos de falar naquele assunto que nos entusiasmava, mas que também nos entristecia. Apesar disso, a derradeira careta do Dandy continuou a aparecer, durante vários meses, nos meus pesadelos, até que por fim desapareceu também desse território. Dois ou três anos mais tarde, ouvi uma única vez na rádio um tango que tinha a seguinte estrofe: «Às vezes quando estou aborrecido / Recordo o Dandy, o vagabundo / Que numa quarta, dia aziago, / Lá em Capurro deixou o mundo.» Escrevi imediatamente aqueles versos para não os esquecer, contudo senti que estava de novo a ser invadido não pelo medo daquele Outono mas pelo rescaldo daquele medo.

Talvez tenha sido por isso que não telefonei para a rádio a perguntar o título daquele tango e o nome do cantor. Não comentei isso com ninguém e nunca mais ouvi aquela letra, que na verdade não era lá muito brilhante. No entanto, no dia seguinte, consultei uma daquelas tabelas que algumas agendas têm para se verificar em que dia da semana calhou um dia qualquer do passado. E no dia do *Graf Zeppelin* era quarta-feira! Apesar disso, o autor do tango não dizia especificamente que tinha sido crime: «deixou o mundo» é sinónimo de «partir, morrer», mas pode ser uma morte natural.

Morte natural com uma ferida daquelas nas costas e com tanto sangue derramado? O episódio poderia dar origem a um ensaio sobre «Tango e desinformação». Salvo se o autor fosse o assassino (porque não?) e a letra um álibi, uma espécie de névoa deliberada sobre aquela morte. Sei que o Daniel diria «como é óbvio, o assassino volta sempre ao local do crime e esse tango (é evidente) é um simples regresso». Mas não tive vontade de contar isso a ninguém, e mesmo que tivesse, não teria sido possível, já que o Daniel, precisamente nesse ano, estava a viajar com os pais pelos Estados Unidos.

Fiel ao seu princípio de que o «passado é uma casa que nunca chegamos a abandonar de vez, apesar de, ao nos mudarmos para o presente, alimentarmos a ilusão de termos fechado a sua porta para sempre», Benedetti, neste seu aclamado romance, com humor e ironia, percorre os lugares e episódios marcantes da infância e juventude do protagonista Claudio: episódios que, como borras de café, se depositaram no fundo do seu passado.

Nesta viagem de crescimento, ao mesmo tempo colectiva e interior, em que os acontecimentos se convertem em vivências e as experiências em aprendizagem, confundem-se a memória histórica da cidade de Montevideu de inícios do século xx com os momentos-chave da existência de um homem: a descoberta do prazer, a morte e a resignação da dor, o sexo, e a formação de uma consciência social e política.

«Um romancista e um poeta de uma extrema humanidade.»
JOSÉ SARAMAGO

«Um autor com uma visão límpida e cristalina,
que nos confronta sempre com novas questões
sobre o sentido da vida e da morte.»
EL MUNDO

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
cavalodeferro
penguinlivros
ISBN 9789897878503